

• UM • DIA • APÓS • O • OUTRO •

A Mão de Espigas

Pedro Paulo Scandiuzzi

Estamos no Brasil. Felizmente a multiculturalidade existente faz de nós pessoas criativas e apresenta para nós situações desafiadoras. Conversas ocorridas durante mesas de cozinha e escola com pessoas de mais de cinquenta anos, e olhando o dia-a-dia faz-nos ficar desconcertados.

O fato ocorreu em três lugares diferentes.

Estava eu e um amigo na casa de dona Tereza na cidade de Estiva, estado de Minas Gerais.

Nós comíamos bolo de milho verde. Conversa vai, conversa vem, meu amigo perguntou a dona Tereza:

- Quantas espigas de milho a senhora comprou?

Ela respondeu:

- Uma mão.

Saí desta casa sem saber quantas espigas ela tinha comprado.

Seriam 5 (pois a mão tem cinco dedos)? Seriam 10?, pois as mãos têm 10 dedos; ou seria a quantidade que a mão dela pudesse segurar ?

Depois consultei meu amigo e ele me

disse que foram sessenta espigas que ela havia comprado.

Resolvi contar este fato na minha família durante o almoço. Meu pai ouviu-me e me disse:

- Então ela comprou meio balaio de milho e completou: balaio do jeito que mede em Bebedouro (S.P.) e não como se mede aqui em Neves Paulista (S.P.). Depois meu pai explicou-me que a diferença da medida dos balaios está relacionada ao jeito de quebrar o milho.

Para complicar mais um pouco resolvi contar as histórias numa outra cidade do interior de S. Paulo, na escola onde lectionei, que dista a 18 quilômetros de Neves Paulista, cujo nome é Nipoã.

Uma senhora ouviu bastante atenta, pensou, pensou ... e disse:

- Puxa, para atingir esta quantidade, a lavadeira tem de lavar 10 colchas ou trinta lençóis de solteiro!

Fui a esta senhora para saber porque ela referia-se a este fato.

Ela disse:

- A lavadeira conta para lavar uma colcha como 6 peças e, para lavar cada

lençol de solteiro, ela cobra 2 peças cada, então 30 lençóis também equivalem a 60 peças.

E vão por aí a fora as nossas medidas brasileiras ...

Se olharmos cada região, cada cidade que ainda não foi "massificada" pela educação escolarizada vamos encontrar uma riqueza imensa de "medidas". Elas não são universalizadas, mas serviram e servem para muitas pessoas usarem na comercialização e se relacionarem entre si.

Nesta experiência posso concluir que é necessário que a educação matemática seja feita a partir dos conceitos culturais de cada região ou localidade para não perder o sentido cultural, para que não haja imposição de formalismo matemático em detrimento dos conceitos já aprendidos, absorvidos e vividos por estes povos; mas também compreendendo que o saber institucional pode ser formulado e aprendido a partir do saber cultural.

Penso também que este é um grande desafio que nós, educadores, matemáticos e educadores-matemáticos, devemos enfrentar para que possamos formar cidadãos que pensam, que lutam por dias melhores.